

Cooperação no espaço

Uma parceria entre o Centro de Cristalografia Macromolecular (CMC) da Universidade do Alabama, o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), e a FAPESP, junto com empresas e universidades brasileiras, pode ser o ponto de partida para a realização de importantes experimentos do país no espaço, com grande repercussão no seu desenvolvimento científico.

Essa parceria, estimulada pela presença no Brasil do astronauta e cientista Lawrence DeLucas, diretor do CMC, um dos grupos comerciais da NASA, acelera também os preparativos para a construção de um laboratório em órbita, que o país pretende possuir na Estação Espacial Internacional, prevista para começar a funcionar em 2004.

A participação brasileira na Estação Espacial deverá ser oficializada pelo INPE neste mês de junho. Já estão confirmadas as pre-

senças de 13 países no consórcio, ao qual o Brasil — primeiro país em desenvolvimento a ser convidado — pagará US\$ 100 milhões para usar permanentemente 1% do tempo de trabalho na estação.

“Uma ampliação da participação brasileira em experimentos espaciais é de grande interesse da NASA, porque o Brasil possui um enorme potencial para desenvolver novas drogas” afirmou o pesquisador, “além de possuir uma floresta como a Amazônica, que pode ser fonte de importantes descobertas em biotecnologia”.

As declarações de Lawrence DeLucas foram feitas na FAPESP, onde ele esteve no último dia 22 de maio para falar a pesquisadores e empresários brasileiros dos setores químicos e farmacêuticos. Reunidas no auditório, cerca de 60 pesquisadores de diversas especialidades e diretores de empresas partici-

param do evento, que discutiu o potencial da pesquisa realizada em ambientes de microgravidade.

Em sua palestra, DeLucas ressaltou também que a universidade e a indústria devem trabalhar sempre juntas na realização de pesquisas, uma tendência internacional que ainda não é muito posta em prática no Brasil.

O Centro de Cristalografia Macromolecular, sob a direção de DeLucas, foi a instituição responsável pelo desenvolvimento da tecnologia de crescimento de cristais no espaço e colaborou para o lançamento dos experimentos brasileiros do pesquisador Glaucius Oliva, da USP-São Carlos, no ônibus espacial Columbia, no dia 04 de abril, e no Atlantis, em 15 de maio. O CMC coordena trabalhos em biotecnologia incluídos em vôos espaciais e participa de pesquisas para o desenvolvimento de novas drogas

FOTO ELIANA ASSUMPÇÃO



Mesa diretora do evento que reuniu pesquisadores e empresários: a partir da esq., José Fernando Perez e Francisco Romeu Landi, diretores da FAPESP, Lawrence DeLucas e Glaucius Oliva



Lawrence DeLucas assinalou o grande interesse da Nasa na participação do Brasil em experimentos espaciais, pelo seu enorme potencial nas áreas de fármacos e biotecnologia

para o tratamento de diversas doenças como câncer, diabetes, Aids, entre outras.

Na abertura do evento, o presidente do Conselho Técnico-Administrativo da FAPESP, professor Francisco Romeu Landi, destacou a importância da participação das empresas para o desenvolvimento de áreas de ponta, sinalizado, inclusive, pelo *Programa de Inovação Tecnológica em Pequenas Empresas*, recentemente iniciado pela Fundação.

Entre os participantes do evento estavam o diretor do INPE, Márcio Barbosa, o diretor da Vallée Laboratórios, Américo Martins Craveiro, o diretor da União Química Indústria Farmacêutica, Dante Alario, e o diretor da Brazsat, Julio Vaz. Esta última é uma empresa brasileira especializada em intermediar a venda de serviços espaciais, e foi uma das responsáveis pelo envio dos experimentos brasileiros ao espaço nos ônibus espaciais Columbia e Atlantis.

À noite, Lawrence DeLucas e o diretor científico da FAPESP, professor José Fernando Perez, participaram do programa *Opinião Nacional*, da TV Cultura, onde concederam entrevista sobre o futuro das pesquisas científicas no espaço e a participação brasileira.

PROJETOS TEMÁTICOS

Bolsas de pós-doutoramento podem ter duração de até quatro anos

As bolsas de pós-doutoramento da FAPESP para desenvolvimento de atividades de pesquisa vinculadas a um projeto temático poderão ter duração de até quatro anos, limitada à vigência do projeto. Serão enquadradas nessa situação bolsas de pós-doutoramento com projetos com objetivos coerentes com os do projeto temático associado e que venham a ser desenvolvidos em colaboração com sua equipe. Nesses casos, as solicitações de bolsas deverão explicitar sua condição de pedido complementar a projeto temático, incluindo um resumo do temático e indicando o número do processo.

As solicitações deverão também incluir carta do coordenador do projeto temático explicando como as atividades de pesquisa a serem desenvolvidas pelo candidato se inserem dentro dos objetivos do temático. Essas solicitações deverão ser processadas com grande agilidade pela Fundação.

As bolsas normais de pós-doutoramento para o desenvolvimento de projetos de pesquisas individuais continuam tendo duração de um ano, renovável por mais um em condições excepcionais.

Bolsista estrangeiro

Essa nova norma se aplica também a pesquisadores estrangeiros, em particular aos jovens doutores e pós-doutores alemães interessados em se incorporar às equipes de alguns dos projetos temáticos que venham a ser apoiados no âmbito do convênio que a Fundação mantém com a institui-

ção alemã DAAD, *Deutsche Akademische Austausch Dienst*, ou Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico.

“Com essa decisão, que compõe o quadro de benefícios que vêm sendo concedidos aos temáticos, a FAPESP busca estimular o aumento do número desses projetos e o crescimento dos focos de excelência que eles representam”, diz o diretor-científico da FAPESP, professor José Fernando Perez. Isso, segundo ele, deverá ocorrer com a integração de jovens pesquisadores a equipes experientes e competentes e seu consequente amadurecimento científico.

Novo patamar

Por trás dessa e de outras medidas relativas aos projetos temáticos está uma estratégia da FAPESP, que introduz um novo desafio no ambiente de Ciência e Tecnologia em São Paulo: “Precisamos estimular uma mudança de escala no crescimento das pesquisas científicas e tecnológicas no Estado”, resume o diretor da FAPESP.

Essa mudança depende em larga medida de os pesquisadores criarem equipes maiores, estáveis, capacitadas para um trabalho em linhas de pesquisa mais ambiciosas e mais competitivas, que possam produzir resultados altamente significativos, tanto do ponto de vista estritamente científico e tecnológico, quanto em termos econômicos e sociais. E os projetos temáticos vêm sendo vistos pela Fundação como um bom caminho